

XVII CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ

Tecnologias da Educação: passado, presente, futuro



ANAIIS XVII CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ. V.1, 2018, ISSN 2237-2229

SUBJETIVIDADE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: REDES E DIÁLOGOS

Maria Helena Rodrigues Campelo³²³

Alda Margarete Silva Farias Santiago³²⁴

Karine Moura de Farias Borges³²⁵

RESUMO

O presente artigo aborda questões relacionadas à subjetividade e educação nos tempos modernos atravessados pela tecnologia. O processo de subjetivação é afetado por esse movimento de acesso às informações e às relações que se criam a partir dele, sejam elas com o conhecimento, com a educação e com as formas de ser e estar no mundo. Refletir sobre os tipos de relações, seus objetivos e as maneiras como acontecem é importante para a educação e sua prática, além de favorecer uma análise sobre a formação docente no e para o novo contexto social, educacional, político, econômico e cultural, imerso nas transformações que criam e recriam formas de humanidades.

Palavras-chave: Educação. Tecnologia. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

³²³ Mestranda em Educação-UFC. Email: lenacampelo@gmail.com

³²⁴ Doutoranda em Educação-UFC. Email: amf.santiago@hotmail.com

³²⁵ Doutoranda em Educação-UFC. Email: karinemfarias@hotmail.com

Em tempos contemporâneos, na travessia do século XXI, questões sobre educação, objetivos e a forma de alcançá-los são mais do que nunca necessárias. A reviravolta acontecida nos anos noventa com o advento das tecnologias e as ligações em rede modificou o cenário da educação de forma decisiva e as práticas que compõem essa relação são cada vez mais desafiadas para dar conta dessa complexidade. Reflexões sobre vários aspectos já tão explorados se repetem e a sociedade lança mão de seus conhecimentos e instrumentos para acompanhar todo esse processo. Nesse movimento, é possível questionar sobre o tipo de escola, os sujeitos e a sociedade que resulta dessa relação.

Como avançar sobre essas reflexões de uma forma eficiente para administração dos conflitos contemporâneos? De um lado, um modelo de educação que foi criado e aperfeiçoado em um tempo histórico que, atualmente, está completamente modificado e do outro, sujeitos que nascem e se desenvolvem na conjuntura atual inseridos em um contexto digital, que interfere em sua subjetivação e suas formas de aprender.

Para Gadotti (2000) as mudanças do século XX afetaram o imaginário e a vida das pessoas de uma forma geral, inclusive dos intelectuais e pensadores da área da educação. Para o autor, “é um tempo de expectativas, de perplexidade e da crise de concepções e paradigmas não apenas porque se inicia um novo milênio – época de balanço e de reflexão, época em que o imaginário parece ter um peso maior”. São mudanças da sociedade que formam uma complexidade e convidam à problematização sobre os caminhos da educação e as influências sobre a subjetividade do seu público em suas práticas.

Sibila (2012) em seu livro sobre o lugar da escola dentro de uma proposta de educação nesse novo milênio, na pós-globalização, atribui uma nova compreensão de sujeitos, reflete sobre os meandros da relação entre os sujeitos e a escola, que para a autora, se delineia de forma conflituosa. A autora comenta sobre a trajetória, a história e os objetivos do surgimento da escola e também as mudanças dos sujeitos, fato que para a autora exigiria uma atualização da instituição na contemporaneidade.

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Os desafios impostos pela modernidade, atingem os processos sociais e individuais, fazendo surgir novas formas de sociabilidades e novos modelos de interação entre pessoas e

produtos. A educação como processo histórico e complexo, ganha centralidade nesse novo contexto, tendo em vista o caráter mediador que assume nos espaços formais e informais de convivência humana, especialmente a escola. Com isso, o surgimento das novas tecnologias, incidem diretamente no cotidiano escolar, rompendo com antigos modelos, que por muitos anos presidiram o fazer docente e caracterizaram a escola.

Tais modelos referem-se particularmente, às práticas, rituais e modos de transmissão do conhecimento, cujas tecnologias baseavam-se nos artefatos da cultura, tais como: material escolar, lousas, livros, mapas e outros objetos que carregam as marcas de seu tempo, com bem nos lembra Escolano (2012). Na atualidade, a educação escolar é convidada a redimensionar o seu papel, face às constantes exigências impulsionadas pelas novas dinâmicas produtivas e de consumo, que determinam as competências e as habilidades formativas requeridas para os sujeitos.

Nesse processo de compreender as relações entre Educação e Tecnologias, é preciso considerar um elemento determinante na forma de associar ensino e conhecimento, após o advento do fenômeno da Internet, como mecanismo de expansão e acesso a informações, que ocupou espaços e dimensões na vida social na contemporaneidade.

Castells (2003), apresenta um panorama histórico da Internet, suas origens, percursos e efeitos sobre a sociedade global, com abrangência em todos os setores da vida humana, razão pela qual a educação prescinde de reformulações urgentes, a fim de continuar a sua ação mediadora. Para tanto, é preciso analisar antigas questões, que em uma perspectiva histórica, tem se constituído em obstáculos para a educação no país, pois recaem especialmente sobre às políticas educacionais, tais como: altos índices de evasão escolar, falta de escolas, equipamentos escolares inadequados, precarização da formação docente, que corresponde também, à falta de formação para o uso crítico dos suportes tecnológicos em atividades que sejam realmente diferenciadas e significativas para a vida prática dos alunos. Nesse contexto, cabe refletir sobre esse cenário considerando que:

A escola sempre procurou transformar a criança num aluno interessado, atento e aplicado. Com esta meta, a subjetividade estudantil se edificava a partir de práticas que instituíam a memória, a atenção e a consciência, buscando fazer com que esta última exercesse hegemonia sobre a percepção. A lógica característica do sujeito escolarizado presume o aparelho perceptivo receba os estímulos e a consciência os reelabore, produzindo um sentido: não se pode ler sem interpretar. Mas esta ação não é necessária para lidar com a informação audiovisual e interativa: em suma, para a

subjetividade do espectador ou do usuário midiático, o sentido não é fundamental (SIBILIA, 2012, p.89-90).

Dessa forma, as concepções sobre as tecnologias na educação requerem o alinhamento do seu conceito e de seu papel na formação do professor, a fim de que este apreenda esse conhecimento e passe a utilizá-lo de forma consciente, estabelecendo uma reflexão crítica da realidade social, de modo a preparar-se para utilizar as ferramentas tecnológicas no processo de aprendizagem, no sentido de inovar suas práticas pedagógicas em sala de aula. De igual modo, a escola e toda a sua comunidade deve adequar-se ao contexto de transformações, ciente de sua função que é favorecer a inserção das tecnologias no seu fazer cotidiano.

Ainda sobre educação e tecnologia, é preciso destacar que a LDB 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seus artigos 80 e 87 discorre sobre a Educação à Distância em programas de capacitação para professores em exercício. As orientações normativas decorrentes da LDB, explicitam a ideia de que essa formação, tanto inicial, quanto continuada, prepare professores com habilidades, competências e capacidades diferenciadas como condição determinante e indissociável da atual realidade tecnológica.

Contudo, é preciso destacar um dos desafios que é a coexistência de dois fenômenos distintos: de um lado, as Universidades e demais centros de formação, envolvidos com a criação e o fortalecimento de grupos de estudos e pesquisas para garantir uma formação docente que corresponda às atuais exigências, de outro lado, existe uma parcela significativa de professores que resistem às inovações em curso, mantendo antigas práticas com o mesmo fazer pedagógico.

Sobre este impasse, os estudos de Piscitelli (2009), auxiliam na compreensão acerca dos comportamentos geracionais entre os usuários das novas tecnologias, a quem denominou “nativos” e “imigrantes” digitais e suas características e tendências. Assim, considera-se importante pontuar que,

Nos encontramos ante uma paradoxal situação: os professores, que são preponderantemente imigrantes digitais, e que não falam uma língua, em vias de extinção, da era pré-digital, estão tentando ensinar a uma população que fala uma linguagem totalmente diferente e que é incompreensível para esses professores imigrantes. Embora o problema quase não seja lido desse modo, grande parte da resistência infanto-juvenil ao ensino hoje hegemônico nas universidades é produto da rejeição dos nativos àqueles que pretendem lhes ensinar a própria linguagem, sendo que eles, os nativos, já falam essa língua arcaica, pois a aprenderam como segunda língua. Um absurdo fadado ao fracasso de antemão. Fica mais claro então o porquê da universidade no lugar arrasado dessa equação? (PISCITELLI, 2009, p.47)

Como se observa, além das questões decorrentes da reconfiguração social ocasionada pelas tecnologias, o cenário educacional brasileiro ainda acentua a problemática, por não ter equacionado antigos entraves, como por exemplo, a formação de professores articulada a diferentes áreas do conhecimento, vez que os antigos modelos sociais estão sendo esgotados pelos novos signos que caracterizam as “sociedades da informação”, “sociedades em redes” e outras designações que surgem na tentativa de renomear, dinâmicas, tempos e espaços, que mudam ao sabor dos ventos vindos dos mais variados horizontes.

Ainda sobre a interface entre a Educação e o uso de Tecnologias, Giddens (2012) dialoga sobre a atualidade e as referências no contexto da Educação, exemplificando histórias de vidas reais e realidades distintas, comparando e observando pontos em comuns e diferentes. O autor apresenta a interface da Educação com a Sociologia, pontuando a importância dos processos de socialização na reprodução e disseminação de valores na sociedade. O autor evidencia as relações sociais da Educação com caracterizações advindas de divisões sociais: classe, gênero, etnia; bem como de outros aspectos: sistemas educacionais, quociente de inteligência, inteligência emocional, fracasso escolar, capital cultural, formação de *habitus*, avaliação, dentre outros fatores que afetam os cenários da escola e da sociedade.

O conceito da Educação é apresentado por Giddens (2012) referenciando-a como uma instituição social, cujo significado está relacionado a “aquisição de habilidades e conhecimentos e a ampliação de horizontes pessoais” (p. 590). Essa definição se distingue da caracterização do termo escolarização, que diz respeito ao “processo formal pelo qual certos tipos de conhecimentos e habilidades são transmitidos, normalmente por meio de um currículo predefinido em ambientes especializados: as escolas” (GIDDENS, 2012, p. 590). O autor ainda ressalta a compreensão da educação como “uma questão política, econômica, social e cultural complexa” (p.591). Para Giddens (2012), a educação e a escolarização vão se construindo ocupando espaços e atendendo a objetivos diferenciados na sociedade. Ele apresenta a perspectiva da Educação como socialização, como reprodução cultural, a relação da escolarização com o capitalismo.

Outro ponto importante abordado pelo autor se refere ao uso da tecnologia na Educação, principalmente quanto ao desenvolvimento contínuo de tecnologias da informação e comunicação, o financiamento dos sistemas educacionais e o uso efetivo das novas possibilidades criadas pela tecnologia da informação, bem como sua utilização das escolas. Para

Giddens (2012), diante de uma demanda de acesso a informação, exige-se uma força de trabalho habilitada em computação, dessa forma, as escolas constituem um espaço para os jovens aprenderem as capacidades dos computadores e utilizarem a tecnologia multimídia. Na perspectiva desse autor, os jovens estão inseridos em uma sociedade voltada para a informação e a mídia, por isso estão mais ambientados às tecnologias do que a sua geração anterior. Assim, “as novas tecnologias, não irão apenas acrescentar ao currículo existente, elas o enfraquecerão e o transformarão” (GIDDENS, 2012, p. 618).

Giddens (2012) apresenta reflexões sobre o uso da tecnologia na educação, apontando que em países desenvolvidos os sistemas educacionais foram informatizados, indicando uma possibilidade de “sala de aula sem paredes”. Todavia, ele pondera que “os computadores expandiram as oportunidades em educação”, possibilitam o acesso as pesquisas, o desenvolvimento da autonomia na resolução de tarefas, ao passo que considera que a realidade de “uma sala de aula sem paredes” ainda está distante da realidade. O autor enfatiza que apenas um reduzido número de educadores considera a tecnologia da informação como um meio que possa substituir a aprendizagem e interação com professores humanos, pois a tecnologia não deve substituir o processo de ensino em sala de aula. “O desafio aos professores é aprender a integrar as novas tecnologias da informação nas aulas, de um modo que seja significativo e educativamente confiável” (GIDDENS, 2012, p. 618). De acordo com este autor, existe uma flexibilidade e conveniência do uso da internet para aprendizagem, contudo, há uma crítica que considera que “não existe substituto para a aprendizagem presencial em um ambiente verdadeiramente interativo com outros estudantes” (idem).

Ao questionar o futuro da educação, Giddens (2012) pontua que as tecnologias da comunicação abrem espaço para oportunidades na educação. Segundo o autor, os defensores da tecnologia da informação consideram que “os computadores não precisam resultar em maiores desigualdades nacionais ou globais – que seu ponto forte está exatamente em uma capacidade de unir as pessoas e abrir novas oportunidades” (GIDDENS, 2012, p. 622).

A partir das considerações desses autores, surge o questionamento sobre: o que fazer com esse modelo de educação e conseqüentemente de escola?

EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE

O processo de subjetivação na modernidade é influenciado por uma nova forma de ser e estar em sociedade que se encontra atravessada por diversas variáveis que ocupam espaço na realidade da educação. A existência de um novo sujeito na educação, curioso, atualizado, questionador, imerso em uma cultura da rapidez de informações de uma maior oportunidade de acesso, desafiam o educador a aprender e desenvolver novas estratégias de adentrar no universo desse sujeito e conquistá-lo. Especialmente uma atuação de respeito, crença na pessoa humana e desenvolvimento de habilidades para atuar seguramente neste ambiente e possibilitar um processo de educativo eficiente com vistas a autonomia e a emancipação dos sujeitos.

A sociedade globalizada evidenciou movimentos de disseminação de um sistema capitalista que incidiu na expressão e formação dos sujeitos. Uma busca incessante por resultados e consequentemente uma exacerbação do individualismo e da competição. Nesse contexto, a busca por conhecimento e qualificação originou um ambiente psicossocial de pressa, excesso e incentivo ao consumo. Outra característica marcante do contexto moderno do fim do século XX e início do século XXI é a propagação da cultura empresarial que se fortaleceu e passou a integrar os valores das instituições sociais inclusive a escola. Esse movimento provocou uma ênfase na performance e nos desempenhos individuais que busca o destaque perante os outros através dos resultados.

Todo esse contexto e as características próprias da sua cultura influenciaram na emergência de novos corpos e subjetividades como ressalta Sibila (2012):

São outros os corpos e as subjetividades que se tornaram necessários. Por isso, agora e em toda parte, não surpreende que reverberem outros tipos de sujeitos: novos modos de ser e estar no mundo que emergem e se desenvolvem respondendo as exigências da contemporaneidade, ao mesmo tempo que contribuem para gerar e reforçar tais características. (SIBILIA, 2012, p.47).

Essa nova forma de pensar, viver e se expressar carrega em si uma diferença das formas de subjetividade dos séculos XVIII e XIX, períodos históricos e sociais da emergência de uma subjetividade introspectiva na qual havia uma tendência a se diferenciar e afirmar as características individuais. Os sentimentos eram vivenciados de forma privada e as instituições foram criadas e aperfeiçoadas como objetivo de reger, conter e equilibrar os extintos mais genuínos.

Ainda sobre esse tema da subjetivação, Figueiredo apresenta uma reflexão na direção dessa forma particular de subjetivação, ao pontuar as “precondições socioculturais para o

aparecimento da Psicologia como ciência no século XIX”. Sobre esse período, o autor narra os movimentos de surgimento da “necessidade”, do estabelecimento da Psicologia como ciência. Para o autor, existem fatores condicionantes para a compreensão e definição do aspecto “psicológico”. Inicialmente ele parte da afirmação da “subjetividade privatizada” que pode ser compreendida como os registros de experiências íntimas, individuais que possuem significados e sentimentos inteligíveis para a própria pessoa, ou seja, que são responsáveis pelos conteúdos que as diferenciam do conceito universal. Só o próprio sujeito se percebe e identifica através das suas próprias experiências. “A experiência da solidão, ansiada ou temida, é também altamente expressiva daquilo que acreditamos ser nossa individualidade” (FIGUEIREDO e SANTI, 2010, p. 20).

Figueiredo e Santi (2010) apresentam a construção da experiência da subjetividade privatizada, a qual, como fruto da modernidade, permitiu a interiorização do conhecimento, no sentido de demarcar a compreensão de individualidades. Para os autores, compreender o elemento “psicológico” demanda articular a noção de uma subjetividade privatizada e a crise da mesma. A subjetividade privatizada corresponde a compreensão da própria existência, apercepção da individualidade, as experiências íntimas, a liberdade para a privacidade: “sermos sujeitos capazes de decisões, sentimentos e emoções privados” (FIGUEIREDO e SANTI, 2010, p. 20). A crise corresponde a compreensão de que a liberdade não significa ausência de limites, ela emerge em momentos de grandes irrupções, situações de crise social e questionamentos de tradições culturais, possibilitando novas formas de vida em sociedade. Assim, “a perda de referências coletivas, como a religião, a raça, o povo, a família ou uma lei confiável obriga o homem a construir referências internas” (FIGUEIREDO e SANTI, 2010, p. 21).

As diferenças dessa nova subjetivação são desafiadoras, porque que rompe com a dos séculos anteriores e o convívio com essa nova forma de ser e se expressar no mundo que envolve gerações criadas e educadas em períodos diferentes e sobre influências diferentes. Sobre esse aspecto, Sibila (2012) comenta que “justamente essas crianças e adolescentes que nasceram ou cresceram no novo ambiente, têm de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violentos com os envelhecidos rigores escolares”. Questionamentos sobre a necessidade de uma modernização de pensamento ou aceitação dessa nova forma e os juízos de valores sobre suas expressões são muito constantes. As respostas para as inúmeras perguntas são complexas, pois

as diferenças “gritam” nos contextos variados, especialmente na escola, precisam ser consideradas de uma forma responsável e equilibrada para uma relação acolhedora e produtiva. A “era digital” com as suas tendências mercadológicas e todo o seu campo simbólico de relações que ultrapassam as distâncias físicas e se constituem em um tempo diferenciado quase ilimitado, ocasionaram um movimento provocador da exposição. Imersos no universo dos compartilhamentos de conteúdos que exibem toda a rotina, gostos, sentimentos, experiências pessoais invadiu a cultura dos jovens e também adultos. Esse fenômeno é nomeado por Sibilla (2012) como uma “convocação às personalidades a se exibirem em telas cada vez mais onipresentes e interconectadas”.

Essa temática situa o contexto de surgimento da instituição escola, as demandas para a reprodução da educação e suas relações com a criação de outras instituições sociais como Família e Estado. Essa compreensão permite identificar as influências da cultura na sociedade, delimitando os aspectos sociais, econômicos, políticos em períodos históricos, demarcando as subjetividades, os corpos dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário aqui apresentado sugere nos coloca diante de desafios antigos e contraditoriamente contemporâneos. Nosso olhar se lança sobre a cristalização do modelo da escola já apontado por sociólogos e teóricos da educação, que permanece com valores em sua prática de controle, disciplina, avaliação, através dos erros. Esse contexto nos situa diante de uma necessidade de adaptação a novos corpos e subjetividades apresentados por Sibilla (2012) que exigem novas posturas.

As tecnologias ocupam espaço significativo na sociedade, novas demandas profissionais surgem e desaparecem em tempos cada vez mais reduzidos, daí a constante necessidade de flexibilização profissional e a permanente mobilização de saberes, a fim de atender as dinâmicas e exigências laborais e sociais. Essa nova realidade, impõe novos desafios à sociedade e aos sujeitos, tendo a educação como mediadora da (re) territorialização do conhecimento.

A educação escolar, no tempo presente, tem a função de conduzir formas de aprendizagens coerentes com os saberes que circulam nos espaços sociais e virtuais. A BNCC – Base Nacional Comum Curricular, prevê o uso de tecnologias no ambiente escolar pela

compreensão de que estas são ferramentas de habilidades cognitivas e socioemocionais de crianças e adolescentes, que já incorporaram em suas vivências às tecnologias digitais e reconhece a escola como o lugar de aprendizado de usos dessas tecnologias de forma crítica.

No entanto, reitera-se a importância de uma nova dinâmica organizacional no interior da escola, que passa pela reestruturação física, formação e valorização docente, equipamentos adequados ao desenvolvimento das atividades e, principalmente, o permanente diálogo da instituição escolar com os demais setores da sociedade, com vistas ao fortalecimento educacional, na perspectiva da formação integral dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade/** tradução: Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENITO ESCOLANO, Augustín. **Las materialidades de la escuela.** In: GASPAR, Vera Lúcia da Silva; PETRY, Marília Gabriela (Orgs) **Objetos da Escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX).** Florianópolis: INSULAR, 2012.

FIGUEIREDO, Luís Claudio M.; SANTI, Pedro Luís Ribeiro de. **Psicologia: uma (nova) introdução. Uma visão histórica da Psicologia como ciência.** 3ª edição. EDC: São Paulo, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** 6ª edição. Porto Alegre: Penso, 2012.

PISCITELLI, Alejandro. **Nativos digitais.** Buenos Aires: Santilana, 2009

SIBILA, PAULA. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.